

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

1 INTRODUÇÃO

Esta análise tem como objetivo a apresentação de um panorama relativo ao comportamento do mercado de trabalho brasileiro no primeiro trimestre de 2009, com base nos principais indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Com a finalidade de balizar a evolução dos indicadores, evitando interferências de questões sazonais, será realizada uma comparação com o passado recente, em particular com o primeiro trimestre de 2008.

Tal como mencionado na apresentação, dois padrões distintos aparecem na evolução dos indicadores nos últimos meses. Por um lado, ocupação e desemprego mostram sinais preocupantes do que pode ser uma possível reversão da tendência, que era de melhora acentuada; por outro, tal inversão não aparece no grau de informalidade e nem na remuneração, que registram níveis não só estáveis nesse primeiro trimestre de 2009, como também atingem as melhores marcas dos últimos anos. Assim, dividiremos o texto que se segue de acordo com esse agrupamento dos indicadores.

2 DESEMPREGO, TAXA DE ATIVIDADE E OCUPAÇÃO

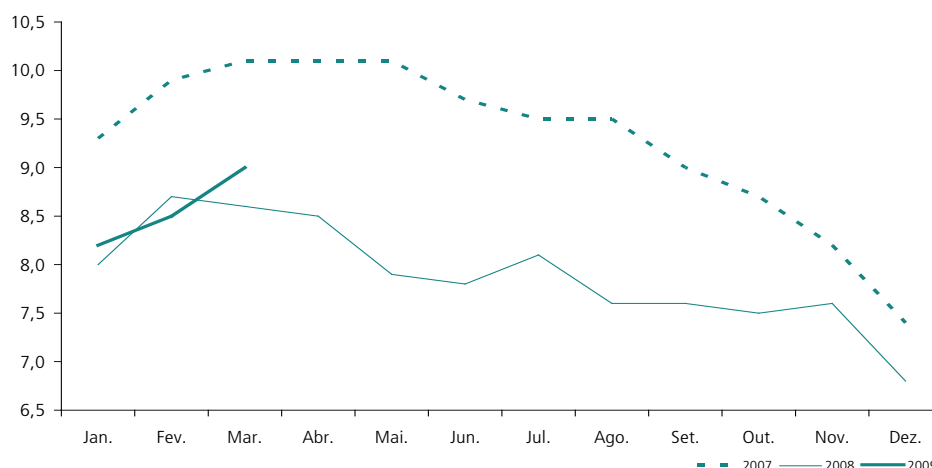
O gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de desemprego com base nos dados da PME. Cabe destacar a diferença na evolução desse indicador no primeiro trimestre de 2009 em relação ao mesmo trimestre nos anos anteriores. Apesar de esse indicador sempre crescer no primeiro trimestre dos três últimos anos, a trajetória em 2007 e 2008 mostra uma desaceleração a partir do mês de fevereiro, algo que não ocorre em 2009. Neste ano, o crescimento da taxa de desemprego continua em ritmo acelerado em março.

Ainda de acordo com o gráfico¹, podemos inferir que o valor médio entre aqueles registrados para os três primeiros meses de 2009 é muito próximo da sua contrapartida para 2008.¹ Essa comparação anual da taxa de desemprego apresenta, no entanto, um padrão diferenciado entre as regiões metropolitanas (RMs), estando o resultado negativo concentrado em São Paulo. Enquanto nesta região há um crescimento de 1 p.p. nesse indicador entre os três meses iniciais de 2009 e 2008, nas demais RMs essa comparação anual apresenta queda, com destaque para Recife (1 p.p. negativo).

As taxas de desemprego aberto apuradas pela PED corroboram todos os fatos que registramos na PME para o primeiro trimestre de 2009. Observa-se que: a) há uma trajetória de aceleração na taxa de desemprego no primeiro trimestre de 2009 que se intensifica no mês de março; b) a taxa de desemprego aberta teve crescimento nulo na comparação entre os primeiros trimestres de 2008 e 2009; e c) São Paulo foi a única região com crescimento positivo (0,6 p.p.) frente aos resultados negativos das demais regiões.

1. De fato, a média da taxa de desemprego para o primeiro trimestre de 2009 supera em apenas 0,1 ponto percentual (p.p.) a média para o mesmo período em 2008.

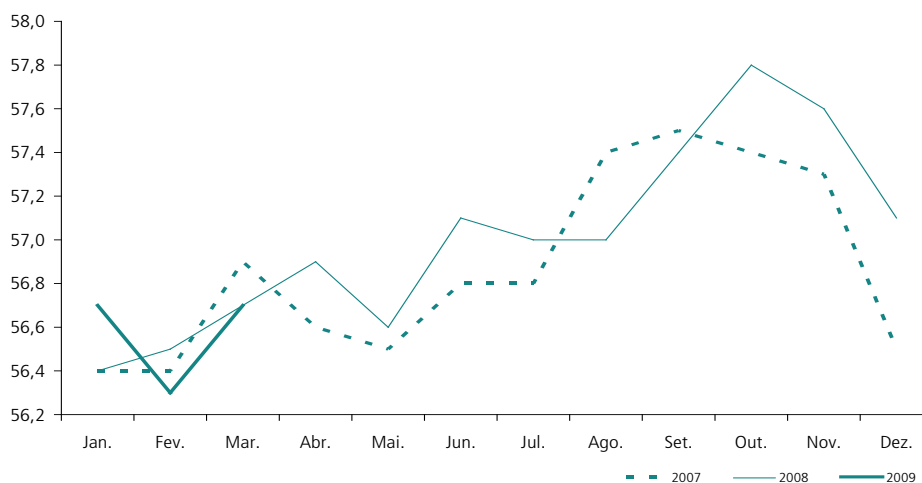
GRÁFICO 1
Taxa de desemprego
 (Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Em algumas ocasiões, o aumento da taxa de desemprego no primeiro trimestre é motivado pela entrada de pessoas na população economicamente ativa (PEA), na medida em que passam a procurar emprego. Dessa forma, é preciso analisar o comportamento da taxa de atividade.² Como é possível notar no gráfico 2, no primeiro trimestre de 2009, tal taxa oscilou em patamares muito próximos àqueles registrados no primeiro trimestre de 2008, sendo a média de 56,6% em 2009 e 56,5% em 2008. Ou seja, seu crescimento foi praticamente zero.³

GRÁFICO 2
Taxa de atividade
 (Em %)



Fonte: PME/IBGE.

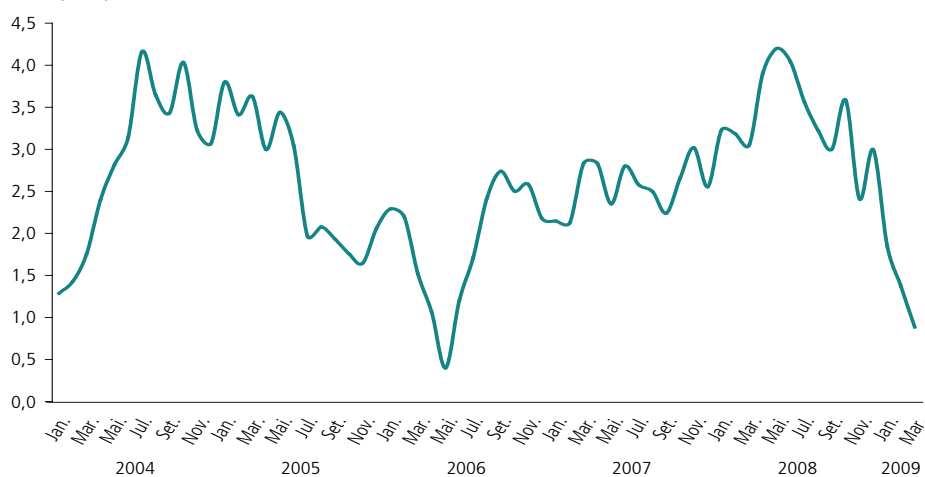
Esse fato nos leva a crer que a pressão no mercado de trabalho está relacionada à demanda por mão-de-obra, que pode estar perdendo o dinamismo registrado nos anos anteriores. A mudança no cenário macroeconômico no final de 2008 motiva esta conjectura, que pode ser mais bem fundamentada pela análise da evolução do nível de ocupação.

2. A taxa de atividade consiste na razão entre PEA e população em idade ativa (PIA).

3. Cabe acrescentar que em março de 2009 a taxa de atividade registrou exatamente o mesmo valor de março de 2008.

O número médio de ocupados no primeiro trimestre de 2009 foi 1,4% maior do que no mesmo período em 2008. Apesar do resultado positivo, as evidências apontam para uma forte desaceleração do ritmo de crescimento desse indicador. Por exemplo, o gráfico 3 mostra a variação percentual do número de ocupados de cada mês em relação ao mesmo mês do ano anterior, com base na PME. Chama a atenção a trajetória de forte declínio desse indicador nos meses mais recentes, culminando em março com um valor abaixo de 1%, o que só havia acontecido uma vez desde 2004.

GRÁFICO 3
Varição anual da população ocupada
 (Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Apesar das diferenças de cobertura do Caged em relação à PME,⁴ cabe registrar que os resultados do saldo da movimentação da mão-de-obra⁵ acumulado em 12 meses revelam, também, tendência de queda da ocupação, que pode ser visualizada no gráfico 4. É importante destacar que a inversão do crescimento já aparece de forma nítida em outubro de 2008.

GRÁFICO 4
Saldo da movimentação da mão-de-obra acumulado em 12 meses: contínuo
 (Em milhares)



Fonte: PME/IBGE.

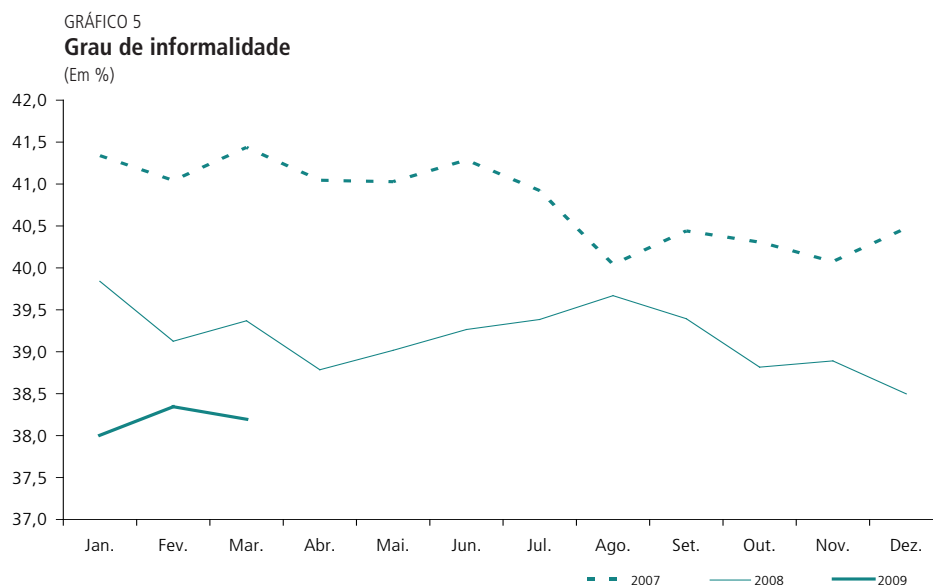
4. Diferente da PME, o Caged cobre todo o território nacional e as informações divulgadas referem-se apenas aos empregados com vínculos formais.

5. O saldo da movimentação da mão-de-obra consiste na diferença entre o total de admissões e o total de desligamentos.

A desagregação dos dados por setor de atividade aponta que a queda no saldo total sofre grande influência da indústria de transformação, que apresenta o pior desempenho entre todos os setores de atividade no período em questão.

3 INFORMALIDADE E RENDIMENTO

A análise do nível de ocupação por posição na ocupação propicia abordar a evolução do grau de informalidade do mercado de trabalho.⁶ Esse indicador apresenta uma redução de 1,3 p.p. na comparação do primeiro trimestre de 2009 com o mesmo período de 2008, como é possível visualizar no gráfico 5. Esse resultado é fruto tanto da expansão de 3,8% dos postos formais como contração de 1,9% do número de trabalhadores informais.⁷



Fonte: PME/IBGE.

Vale notar que, além da melhora em relação ao ano passado, o grau de informalidade não apresenta nenhum sinal de piora ao longo do primeiro trimestre de 2009, o que contrasta com os indicadores de desemprego e ocupação analisados na seção anterior.⁸ Algo semelhante ocorre com o rendimento médio real habitualmente recebido pela população ocupada que registra uma elevação de 5,2% entre os trimestres anteriormente citados e um movimento muito tênue de declínio ao longo do primeiro trimestre deste ano.⁹

Cabe destacar a heterogeneidade na evolução dos rendimentos por posição na ocupação, em particular naquelas categorias associadas a postos informais. Enquanto o conta-própria registra elevação de 12,3% nos seus rendimentos em relação ao ano passado, os empregados

6. O grau de informalidade aqui utilizado é definido como a razão entre trabalhadores sem carteira, por conta própria e não remunerados sobre o total de ocupados.

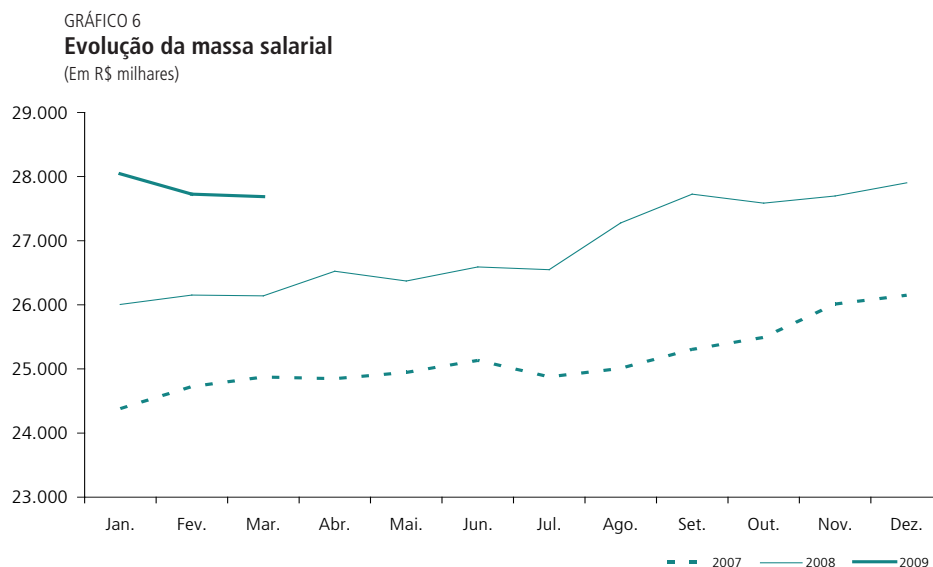
7. São considerados trabalhadores informais os empregados sem carteira de trabalho assinada, não remunerados e conta-própria.

8. Esse dado sugere que a reação das empresas à redução das perspectivas de crescimento tem se concentrado sobretudo no ajuste do nível de emprego, e não propriamente na substituição de vínculos formais por trabalho informal.

9. Uma vez mais, esses dados podem estar refletindo uma flexibilidade maior do nível de emprego do que dos salários: o valor nominal destes últimos é em geral rígido (especialmente para os empregados com carteira) e, na faixa próxima do salário mínimo, esteve ainda sujeito à elevação real de cerca de 12% a partir de fevereiro.

sem carteira assinada registram aumento de apenas 1,9%.¹⁰ Direcionando o foco para as RMs, observa-se que o Rio de Janeiro (8,1%) e Belo Horizonte (6,3%) tiveram as maiores altas desse indicador, e Recife, por sua vez, o pior desempenho, com uma redução de 1,6 % nos rendimentos.

Como observado no gráfico 6, a evolução da massa salarial do trabalho revela que a tendência do primeiro trimestre em análise destoa da apresentada nos anos anteriores pela inversão do ritmo de crescimento, iniciada em janeiro. Apesar da tendência de queda, a variação da média anual da massa salarial registra um resultado positivo (6,6%). A reversão no início de 2009 reflete a redução no ritmo de crescimento da população ocupada no primeiro trimestre, em conjunto com a estabilidade dos rendimentos médios.



Em linhas gerais o primeiro trimestre apresentou resultados satisfatórios no âmbito do mercado de trabalho metropolitano, principalmente quando se tem em mente os temores a respeito do seu desempenho ao final do ano passado. É preocupante, não obstante, a indicação de desaquecimento do lado da demanda, que já se traduziu em aumento da taxa de desemprego no mês de março. Embora esse efeito seja mais pronunciado em determinados setores e áreas geográficas, há evidências de que se trata de uma tendência ampla de redução do crescimento do emprego. Em função disso não é possível descartar a possibilidade de que o mercado de trabalho venha a apresentar resultados menos expressivos no futuro imediato, passando a refletir, após um considerável hiato de tempo, as adversidades no cenário macroeconômico.

10. Na comparação das médias trimestrais de 2009 e 2008, o rendimento médio da população ocupada aumentou 7,0% no setor público e 4,9% para os empregados com carteira de trabalho assinada.

